

TESE INDÍGENA SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - RIO/92

I - INTRODUÇÃO

O COMITÊ INTERTRIBAL - 500 ANOS DE RESISTÊNCIA, formado por Chefes Tribais e lideranças indígenas do Brasil, em intercâmbio com outros povos das Américas, decidiu, de comum acordo, atender às recomendações contidas no documento da Secretaria Geral da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Doc. A/CONF 151/PC/L.38 de 04.04.91), com a finalidade de elaborar uma tese indígena com base nas experiências e nas práticas seculares sobre terra, natureza, meio-ambiente e a crescente destruição comandada pelos próprios homens. A tese indígena visa também subsidiar as discussões da ONU sobre o tema a ter início em 12 de agosto, em Genebra-Suíça, quando pretendemos apresentá-la, através de três membros do Comitê.

Durante os últimos cinco séculos, os povos indígenas foram sacrificados e privados não só de sua liberdade, como de suas vidas e culturas, em favor da civilização ocidental que hoje ocupa as Américas. Os observadores indígenas, principalmente os líderes espirituais, estão antevendo uma grande destruição que irá atingir não só a família indígena, mas também a família de todos, inclusive do planeta Terra. Por isso, o homem moderno deve respeitar a vida que há nas águas, no ar, e nas matas, e para isso deve parar com a indiscriminada destruição e devastação. E agora chegou a hora de não mais ficarmos calados: quinhentos anos bastam. O que estamos buscando a partir de agora talvez seja a última esperança de revertermos o quadro assolador que temos pela frente, tudo provocado pela ganância de poucos em detrimento do bem-estar de todos, da falsa

paz que isola povos irmãos ou do desenvolvimento que domina, mas não compartilha. Nós, dos povos indígenas, vamos falar, mas que remos ser ouvidos.

Temos uma concepção própria, passada de pai para filho, de que a natureza e o homem interagem de forma conjunta e não em separado, o que nos permite conviver com leis da natureza que coincidem com as recomendações mais recentes de ambientalistas e conservacionistas. Não nos consideramos conservacionistas, mas sim conhecedores natos das leis que regem a natureza e regem seu equilíbrio; isso tem nos permitido viver de forma harmônica e afirmar que existe uma inter-relação e uma reciprocidade entre a natureza e o homem, tanto material como espiritual.

Apesar de longos 500 anos, somente agora a filosofia dos povos indígenas começa a ser reconhecida pelo mundo altamente tecnológico e moderno, e descobrem, finalmente, que tudo que falamos e defendemos inclusive com o sacrifício de civilizações inteiras, é de simples e óbvia compreensão: a água, a floresta, o ar, a terra e o homem se resumem em apenas um: a vida!

II - DESENVOLVIMENTO

Hoje o mundo do século XXI começa a propalar o desenvolvimento auto-sustentável, reconhecendo que todos os processos, até agora empregados, foram falhos. Nós os indígenas temos nos perguntado: o que é desenvolvimento então?

Um desenvolvimento auto-sustentável, que contemple as comunidades, depende da vontade e da capacidade do Estado em fazê-lo, e mesmo com sua garantia as experiências anteriores se mostraram débeis. Os povos indígenas têm como prioridade, no processo

so de desenvolvimento, o reconhecimento legal e a demarcação de suas terras e territórios, onde possam caminhar e viver em liberdade, assegurando às futuras gerações um desenvolvimento baseado nas práticas culturais e econômicas sobre os recursos que ela contém, bem como nas relações de respeito às características de um povo.

Nosso território tem sido e ainda é um manancial de vida preservada, no sentido mais amplo, diferente do conservacionismo museológico, falso em si mesmo. Por outro lado provocando as ambições desenfreadas do falso desenvolvimento, que nos colocam como meros obstáculos ao progresso. Mas agora, o mundo moderno e a ONU vem a nós para conhecer nossa metodologia, de uma economia auto-sustentável e uma relação de convivência útil com a natureza, princípio básico de qualquer pensamento ecológico.

Desde o primeiro contato com o mundo ocidental, tem-nos sido aplicado vários modelos de desenvolvimento impostos pelo Estado e interesses privados. A experiência indígena, no entanto, suportou mas não assimilou esses modelos, por acreditar que isso só se torna possível quando atinge a todos indistintamente e não privilegiando alguns. O desenvolvimento a nós determinado, na verdade só possibilitou a invasão de nossas terras, o roubo de nossas riquezas naturais e minerais, o qual também só fez aumentar a miséria entre os próprios homens urbanos. A partir de agora, queremos estabelecer novas fórmulas de intercâmbio na relação com a sociedade envolvente, que nos conduza a uma auto-suficiência e posterior autodeterminação.

Nossa mensagem de desenvolvimento é acreditar que o homem moderno deve resgatar seu desenvolvimento espiritual na relação com aquilo que foi criado para ele, a natureza, e deve parar de destruir os campos, as matas e sua biodiversidade, a cadeia do equilíbrio natural.

O tão propalado desenvolvimento auto-sustentável deve ter seu início na experiência de auto-sustentação econômica e social, que é diferente de grandes projetos, muitos dos quais com apoio e incentivo de recursos externos.

III - PROPOSTAS

Propomos que a ONU recomende aos governos-membros e leve em conta nas próximas reuniões preparatórias sobre a Conferência de Meio Ambiente e Desenvolvimento, o seguinte:

- a) Todo processo de elaboração de políticas dirigidas às Nações Indígenas deve contar com a participação e a coordenação direta de seus membros nas tomadas de decisão, tanto a nível internacional como nacional.
- b) Para garantir o respeito à nossa autodeterminação e ao nosso sistema de organização, os governos devem reconhecer e aplicar as políticas de direitos humanos, territoriais, culturais e espirituais.
- c) Os governos devem garantir e apoiar a revalorização de nossa tecnologia e modelos econômicos, que nos permitam criar novas fórmulas de exploração equilibrada dos recursos de nossas principais culturas.

- d) Os processos de reflorestamento devem respeitar os habitats naturais das espécies, sua biodiversidade e o meio-ambiente.
- e) Deve-se priorizar estudos e a promoção da prática indígena no uso da natureza, como educação ambiental, por exemplo: evitando-se queimadas que causem erosão; substituição do uso de pesticidas por plantas aromáticas e medicinais.
- f) Ao se promover o desenvolvimento auto-sustentável, deve-se levar em conta as novas necessidades dos povos indígenas na relação de intercâmbio com a sociedade envolvente, como o aproveitamento dos produtos excedentes.
- g) Nos sistemas educativos a nós aplicado, deve-se reconhecer e desenvolver a cultura indígena e ambiental, através de incentivos e intercâmbio entre os povos, levando em conta os aspectos pluriculturais e linguísticos e acima de tudo, valorizando a ciência indígena.
- h) Deve-se consolidar os direitos dos povos indígenas sobre sua propriedade intelectual, a biodiversidade das áreas que ocupam, seus usos científicos, técnicos e econômicos.

Ao recomendar a participação dos povos indígenas nas discussões sobre o futuro da humanidade, a Organização das Nações Unidas, deve também ratificar o reconhecimento de que não basta apenas boas leis de direitos indígenas, mas sua aplicação efetiva, como a Convenção 169 da OIT e a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas, todas preparadas pela própria ONU.

IV - CONCLUSÃO

Qual o significado da participação indígena na Conferência Mundial sobre o Meio-Ambiente e Desenvolvimento? Seria apenas um detalhe folclórico? Seria apenas um atrativo turístico?

Nós membros dos povos indígenas aqui reunidos no entanto, independente de qualquer suposição externa estamos levando com seriedade as recomendações contidas no documento da ONU, afinal o que está em jogo é a sobrevivência dos povos, povos carente de novas fórmulas de vida. Depois de varrerem a terra, seu solo, suas águas e o sub-solo, agora voltam-se para o céu, as estrelas e o equilíbrio dos cosmos. O que pretendem demonstrar com isso?

Há muitos e muitos anos, quando os homens iniciavam as caminhadas para novas conquistas, o homem indígena já olhava e decifrava os sinais do tempo, considerando a terra um leito materno, a própria mãe que faz nascer, alimentar e receber o homem que nasce, cresce e morre, e em alguns casos souberam decifrar a grandeza da natureza, seu código de vida jamais decifrado pelo homem moderno.

Os povos indígenas que detêm esse conhecimento souberam manter e ensinar de pai para filho, numa resistência oral, os valores mais simples de bem viver. Agora, com a chegada da nova civilização que tentou mudar esse comportamento, com novas indumentárias, novas alimentações e novas religiões, descobrimos que ela falhou consigo mesmo, deixando de lado a estrutura mestra do homem, o seu espírito natural. A nova civilização induzira os povos indígenas a novos valores comerciais, econômicos, sociais, que depois descobrimos, eram torpes, enganadores e que faziam

aumentar a miséria de seu próprio povo; exemplo disso é a troca de puras águas, pelo brilho do ouro, que para atingir isso precisa ser lavado pelo mercúrio, que torna a água imprestável para matar a sede dos homens, dos pássaros e dos animais.